



Artigo Original

Obras literárias infantis no trabalho com crianças disléxicas

Marcelo Fabiano Rodrigues^{a,}*

Rosalina Rodrigues de Oliveira^a

Jéssica Meire de Almeida Gomes^a

^aCentro Universitário Estácio de Brasília

INFORMAÇÃO DO ARTIGO

Histórico do artigo:

Aceito em 01 Junho 18

Palavras-chave:

Literatura Infantil

Dislexia

Recurso pedagógico

Keywords:

Children's Literature

Dyslexia

Educational resource

RESUMO

Essa pesquisa teve como objetivo identificar se as obras literárias infantis podem ser um recurso pedagógico facilitador do trabalho com crianças com dislexia do Ensino Fundamental I de uma escola pública do DF. Este estudo foi realizado por meio de uma pesquisa de campo, de caráter qualitativo, em uma escola pública do Distrito Federal, com duas professoras. Utilizamos a observação e a entrevista como instrumentos de coleta de dados. Constatamos que, apesar das professoras reconhecerem os benefícios da literatura infantil como recurso pedagógico, as mesmas costumam não utilizar tal recurso com o aluno disléxico. Podemos afirmar que o aluno disléxico necessita de uma mediação diferenciada como qualquer outro aluno que apresenta uma dificuldade de aprendizagem, porém, isso não significa que esse trabalho precise ser feito com atividades que excluam a leitura de obras literárias.

ABSTRACT

This research had as objective to identify if the children's literary works can be a pedagogical resource facilitator of the work with children with dyslexia of Elementary School I of a public school of the DF. This study was carried out through a qualitative field research in a public school in the Federal District, with two teachers. We use observation and interview as instruments of data collection. We found that although teachers recognize the benefits of children's literature as a pedagogical resource, they do not use it with the dyslexic student. We can say that the dyslexic student needs a differentiated mediation like any other student who presents a learning difficulty, however, this does not mean that this work needs to be done with activities that exclude the reading of literary works.

Introdução

Durante muitos anos, a escola priorizou um ensino tradicional, no qual as crianças deveriam decorar e memorizar os conteúdos transmitidos e não havia relação entre o que era visto em sala de aula com a realidade vivenciada pelos estudantes. Com o surgimento de tendências pedagógicas que tornaram o ensino voltado para

o aluno, desenvolveu-se um processo educativo que possibilita a formação do estudante como um indivíduo pesquisador, potencializando suas capacidades e senso crítico. Com essa nova perspectiva, a prática docente procura facilitar a aprendizagem do aluno utilizando recursos didáticos que atendam suas necessidades reais, inserindo conteúdos contextualizados e

* Marcelo Fabiano Rodrigues
E-mail: gadaro02@gmail.com

significativos para a resolução de problemas do cotidiano.

Dentro desse contexto atual, de uma didática que proporcione meios facilitadores para a aprendizagem dos alunos, os pesquisadores se depararam com o desejo de analisar a literatura infantil como um recurso pedagógico para a prática do professor com crianças disléxicas. Parte-se da premissa de que uma criança que apresenta dificuldade na leitura, possivelmente não gosta de ler, por ser algo que tem que realizar com mais esforço. Dessa forma, acredita-se ser relevante o trabalho com a literatura infantil para auxiliar essa criança durante a aquisição de novos conhecimentos, podendo ser um processo prazeroso e dinâmico.

Crianças com dislexia necessitam de uma intervenção pedagógica que favoreça o processo de aprendizagem, objetivando uma formação que proporcione o desenvolvimento de suas habilidades e capacidades, favorecendo sua atuação na sociedade, como afirma Fonseca¹. Portanto, a literatura poderá ser utilizada como um recurso pedagógico na prática docente, possibilitando o trabalho com diversos conteúdos e a formação de leitores assíduos.

Diante dos fatos citados, da necessidade do apoio pedagógico com crianças com dislexia e por vislumbrar contribuições que a leitura pode proporcionar em sala de aula, chegamos ao seguinte questionamento: As obras da literatura infantil podem ser um recurso pedagógico facilitador do trabalho com crianças com dislexia do Ensino Fundamental I de uma escola pública do Distrito Federal?

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais² há a afirmação de que, “[...] a educação escolar deve considerar a diversidade dos alunos como elemento essencial a ser tratado para a melhoria da qualidade de ensino e aprendizagem”. O docente deve reconhecer seu trabalho como uma forma de oportunizar meios para que o aluno aprenda, levando em consideração suas particularidades.

O professor, ao receber crianças com dislexia, deverá ter um planejamento pedagógico e uma prática docente que atenda às necessidades desse aluno, permitindo sua aprendizagem.

Desse modo, a reflexão sobre a possibilidade da literatura infantil como ferramenta didática no processo de ensino e aprendizagem de crianças com dislexia, poderá auxiliar o professor em seu trabalho com as particularidades dessas crianças.

Nesse sentido, traçamos, como objetivo geral deste estudo: identificar se as obras literárias infantis podem ser um recurso pedagógico facilitador do trabalho com crianças com dislexia do Ensino Fundamental I de uma escola pública do DF. Desdobrando-se deste objetivo, temos como objetivos específicos a) Verificar como a professora trabalha a literatura infantil com o aluno com dislexia com o intuito de facilitar o processo de aprendizagem; b) Identificar as principais contribuições, na perspectiva da docente, da utilização de obras da literatura infantil para o aluno com dislexia.

Este estudo foi realizado por meio de pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo, de caráter qualitativo em uma escola pública do Distrito Federal, com duas professoras regentes. Utilizamos como instrumento de coleta de dados: a observação e a entrevista.

Desenvolvimento

Utilização da literatura infantil na escola

Nos séculos passados, adultos e crianças eram tratados da mesma forma e participavam dos mesmos eventos na sociedade. Andrade³ afirma que até o século XVIII, a visão que a sociedade tinha da criança era de um adulto em miniatura. Nessa perspectiva, os livros classificados para os adultos também poderiam ser disponibilizados para as crianças. De acordo com Zilberman⁴, a literatura infantil passou a existir quando a infância foi valorizada como uma etapa com características próprias, ou seja, a necessidade de livros diferenciados para crianças surgiu quando elas foram reconhecidas em suas particularidades.

A utilização da literatura infantil na escola abrange aspectos fundamentais para a formação do indivíduo alfabetizado e letrado. Zilberman⁴ justifica a aplicação do texto literário na sala de aula como uma forma de emancipação do

estudante. Logo, é possível o trabalho com diversas interpretações que o texto pode gerar, levando à análise e reflexão e possível construção de um leitor crítico. A autora acredita que o uso desse recurso pode proporcionar um processo de ensino e aprendizagem contextualizado e significativo.

Santos e Moraes⁵ ratificam as ideias de Zilberman⁴ e apontam que a literatura infantil, com seu potencial de reinvenção e recriação, favorece a compreensão de assuntos complicados e de pensamentos científicos. Na concepção dos autores, com o livro, a criança compreende melhor o mundo e interpreta questões relevantes na sociedade, como política, saúde, ética, dentre outros.

Nesse ponto de vista, Santos e Oliveira⁶ destacam o papel da literatura infantil no contexto pedagógico como um recurso para o trabalho linguagem oral, a ludicidade e o fantástico, suscitando o gosto pela leitura. Ainda segundo os autores, a literatura infantil pode enriquecer o trabalho do professor dentro de sala de aula. Desse modo, há a possibilidade da abordagem de valores que possam facilitar a socialização das crianças na sociedade, a interação com o mundo de uma forma dinâmica e o trabalho com emoções e a curiosidade.

O ato de ler, conforme Naspolini⁷ “[...] é o processo de construir um significado a partir do texto”. A literatura infantil na escola proporciona benefícios para um ensino de qualidade e uma aprendizagem que valorize os conhecimentos adquiridos para a resolução de problemas do cotidiano. A autora também reconhece que durante a leitura há diversas interpretações, porque as capacidades internas e o conhecimento de mundo de cada indivíduo são específicos e diferenciados. Esse pensamento remete aos benefícios apresentados pelos outros autores na utilização da literatura como instrumento pedagógico. Levando em consideração os conhecimentos que as crianças já possuem e os conhecimentos que podem vir a adquirir.

Diante do papel da literatura infantil na escola e no processo de ensino e aprendizagem, é possível apontar sua possível utilização como ferramenta para alcançar a subjetividade dos

alunos dentro da sala de aula. Com a perspectiva de um ensino que atenda às necessidades dos alunos, passamos a pensar na literatura infantil como recurso para o trabalho com crianças disléxicas.

Intervenções pedagógicas para crianças com dislexia

A dislexia está entre as dificuldades de aprendizagem que podem ser consideradas primárias. Segundo Nogueira e Leal⁸ a palavra dislexia tem origem grega, “dis” significa “distúrbio” ou “disfunção” e “lexis” significa “palavra” e em latim “leitura”. Dessa forma, podemos definir essa dificuldade como um distúrbio no processo de leitura do código linguístico.

A dislexia ou dificuldade de aprendizagem na leitura, segundo Barros⁹, refere-se à “dificuldade para aprender a ler encontrada em indivíduos saudáveis, de inteligência normal ou superior e sem deficiências sensoriais”. Ou seja, a pessoa disléxica encontra impedimentos no processo de aquisição da leitura.

Para auxiliar alunos com dislexia no processo de aprendizagem, é lícito que o professor utilize recursos que atendam suas especificidades. Fonseca¹ afirma que crianças com dificuldade de aprendizagem, quando encontram intervenções adequadas às suas necessidades, conseguem superar os obstáculos encontrados durante a aquisição de habilidades e capacidades. Quando essas crianças encontram suporte durante os momentos em que são incapazes de desenvolverem determinados conhecimentos, são motivadas a persistirem e ultrapassarem os impedimentos.

Ainda segundo Fonseca¹, o professor deve objetivar o sucesso do aluno, de forma que ele acredite no seu potencial. Assim, para que ocorra aprendizagem, deve haver equilíbrio entre atividades que estejam no nível da criança e que a desafie a conhecer mais. O autor também ressalta que “a intervenção pedagógica é um misto de relação e de competência científica”. Ou seja, o professor deve facilitar o processo de

aprendizagem, utilizando recursos que viabilizem a compreensão dos alunos.

Smith e Strick¹⁰ concordam com Fonseca¹, destacando que o trabalho a ser realizado com essas crianças deve possibilitar o desenvolvimento de suas habilidades básicas, sem deixar de apresentar outras habilidades a serem construídas. Dessa forma, a criança disléxica deve ter um acompanhamento que promova a aprendizagem nas áreas nas quais ela tem dificuldades, concomitantemente com a construção de outras habilidades e capacidades em outras áreas.

Ainda segundo Smith e Strick¹⁰, é necessária uma abordagem que permita que esses alunos disléxicos estejam acompanhando o conteúdo com os demais alunos da turma, ajude-os a aprender estratégias educacionais apropriadas e ensine-os a controlar problemas no comportamento. Para esses alunos, o processo de construção de conhecimento deve ocorrer com recursos que atendam suas especificidades, promovendo uma educação integral.

De acordo com García¹¹, é possível a estruturação de intervenções pedagógicas para crianças com dislexia de acordo com os módulos de leitura. A criança que apresenta a dificuldade de aprendizagem na leitura pode apresentar transtornos em um ou alguns módulos do processo de leitura, sendo que a identificação dos módulos atingidos serão norteadores para as intervenções futuras. Na visão do autor referenciado, o(s) módulo(s) de leitura que a criança apresenta dificuldade, irá embasar na escolha da melhor mediação pedagógica. Por exemplo, se o aluno disléxico enfrenta distúrbios no módulo semântico, ou seja, na compreensão do que foi lido, devem ser escolhidas intervenções que favoreçam a interpretação durante o processo de leitura.

Na mesma perspectiva, Fonseca¹ acredita que os professores devem oferecer estratégias pedagógicas que facilitem a aprendizagem de crianças disléxicas, segundo as características que as mesmas manifestam durante o transtorno. Logo, o trabalho a ser realizado deve se adequar às necessidades do aluno, visando seu pleno desenvolvimento. Smith e Strick¹⁰ acrescentam

que é fundamental a compreensão de quais áreas estão os déficits dessas crianças, viabilizando uma avaliação de um programa educacional relevante e propondo as mudanças necessárias. O professor deve conhecer quais são as características que o aluno com dislexia apresenta durante o processo de aprendizagem, podendo assim, realizar um planejamento mais adequado para facilitar a aquisição de conhecimentos.

Segundo as autoras, o conhecimento da criança sobre suas próprias dificuldades permite a aceitação e a criação de estratégias durante o processo de construção de conhecimento. Quando a criança passa a reconhecer essas singularidades que a impedem de aprender como os outros alunos, pode ocorrer a participação ativa da mesma, durante a elaboração e execução de ações que facilitem a aquisição de novos conhecimentos.

Nogueira e Leal⁸ sublinham a importância do professor como um mediador, encaminhando a criança que apresenta o distúrbio para um diagnóstico clínico. Os autores apontam que os professores não são responsáveis pela realização da avaliação clínica, mas são eles que encaminham essas crianças e passam a mediar o processo de aprendizagem. Assim, o professor é o responsável por identificar se a criança está apresentando dificuldades de aprendizagem na sala de aula e encaminhá-la para os profissionais capazes de concluir o diagnóstico.

Quando o aluno é diagnosticado, o professor trabalha junto com outros profissionais, adequando suas metodologias de ensino, objetivando a aprendizagem. Nessa mesma linha de raciocínio, Smith e Strick¹⁰ consideram a participação do professor essencial, afirmando que as crianças com dificuldade de aprendizagem precisam de instrução e reforço constantemente. Por se tratar de atitudes inconscientes dos disléxicos, a mediação do professor promove o reconhecimento, da parte desses alunos, de seus impedimentos.

De acordo com Boruchovitch¹², um dos principais fatores a ser desenvolvidos no processo de ensino e aprendizagem de crianças com dificuldade de aprendizagem é a motivação.

Segundo a autora, muitos desses alunos são desmotivados e não acreditam no potencial que possuem. “É evidente que, muitas vezes, dificuldades de aprendizagem são agravadas por problemas motivacionais [...]”. Portanto, o trabalho pedagógico deve abordar fatores internos dos alunos, motivando-os durante a aprendizagem. Desta forma, os alunos irão aprender de maneira prazerosa e estarão sempre buscando novas informações e participando das aulas.

Davis¹³ julga ser imprescindível para o aluno com dislexia o desejo de melhorar suas habilidades, destacando o papel do professor no incentivo à leitura e propondo que este apresente os benefícios que a capacidade de ler pode proporcionar. Na concepção do autor, durante o domínio dos símbolos, o aluno disléxico deve ser motivado com elogios e confiança, de forma que desenvolva “[...] autoestima, um maior desejo de ler e uma progressiva melhora na maneira de estudar”.

Metodologia

Nessa seção apresenta-se a metodologia utilizada durante a pesquisa: natureza, tipos, local, sujeitos, instrumentos e trajetória.

O presente trabalho teve como proposta, a investigação sobre a possibilidade das obras da literatura infantil como um recurso no desenvolvimento de habilidades das crianças disléxicas. Diante disso, analisamos o trabalho, concepções, falas e percepções das docentes na escola selecionada, quando estas utilizavam as obras literárias infantis com crianças com dislexia.

Como o objeto de pesquisa desse trabalho é subjetivo e os dados que serão coletados deverão ser analisados a partir da compreensão das ideias e atitudes dos sujeitos, podemos afirmar que a natureza da pesquisa é qualitativa. Segundo Gil¹⁴, em caso de pesquisas em que há estudo de campo, estudo de caso, pesquisa-ação ou pesquisa participante a abordagem utilizada é qualitativa porque a análise de dados irá depender do pesquisador e de suas concepções.

De acordo com Minayo¹⁵, o verbo que norteia a pesquisa qualitativa é compreender. Na visão da autora, para a realização dessa abordagem é necessário compreender os indivíduos participantes da pesquisa em suas particularidades, bem como o contexto no qual está inserido.

Para alcançarmos os objetivos da atual pesquisa, já anteriormente citados, foi necessário verificar a qualidade, as relevâncias, os efeitos que as obras literárias infantis apresentam no contexto escolar para crianças com dislexia, quando essas são utilizadas pelos docentes. Desse modo, optamos pela pesquisa qualitativa para que houvesse a possibilidade de maior aprofundamento e aproximação com a temática estudada.

A pesquisa foi organizada em dois tipos: bibliográfica e de campo. Lakatos e Marconi¹⁶ afirmam que, as fases da pesquisa de campo envolvem em primeiro lugar, a realização de uma pesquisa bibliográfica. As autoras destacam que ao realizar a pesquisa bibliográfica, o pesquisador poderá saber quais são os trabalhos realizados sobre o tema, quais são as principais opiniões e determinará uma base que será referência durante a pesquisa em campo. Portanto, a pesquisa bibliográfica oferece uma base teórica para realização da pesquisa de campo, porém as duas se complementam.

Nessa perspectiva, para conhecer o que é tratado na literatura sobre a temática abordada, neste estudo foi realizada a pesquisa bibliográfica. Por meio da pesquisa bibliográfica, observamos o que os autores afirmam sobre o objeto de estudo, coletamos dados e organizamos informações a fim de aprofundar o nosso conhecimento sobre a temática abordada.

Diante disso, a pesquisa bibliográfica foi fundamental para introduzir conceitos, histórico, trajetória e percepções a respeito dos assuntos que surgiram do objeto de estudo provocado. Por meio desse tipo de pesquisa, realizamos um diálogo com outros autores que já haviam pesquisado sobre a temática, ou seja, a pesquisa bibliográfica foi feita para que pudéssemos verificar o que os autores e pesquisadores acreditam e quais são suas ideias.

Após esse momento de revisão de literatura, foi realizada a pesquisa de campo. Foi necessário ir a campo para encontrar as respostas para as perguntas que surgiram durante a pesquisa, possibilitando a investigação do que acontece na prática docente. Severino¹⁷ afirma que, em campo o objeto é estudado em seu contexto, de forma que o pesquisador não interfere ou manuseia os fenômenos. A pesquisa de campo é uma forma de constatar e verificar como a temática pesquisada está funcionando no contexto escolar.

A pesquisa foi realizada em uma escola pública de ensino fundamental em Ceilândia Sul, Distrito Federal. O campo de pesquisa foi escolhido em virtude de ter crianças diagnosticadas com dificuldades de aprendizagem e haver um aluno com laudo de dislexia. Nós nos interessamos, após um primeiro contato, e observamos que havia um trabalho diferenciado com esses alunos.

A escola, na qual realizamos a pesquisa, funciona em período integral, atendendo a 460 alunos com um grupo de 52 professores efetivos. A instituição oferece: atendimento com Equipe Especializada de Apoio a Aprendizagem (EEAA), com uma pedagoga e uma orientadora, Atendimento Educacional Especializado (AEE) e Serviço de Orientação Educacional (SOE).

Os alunos que apresentam dificuldade de aprendizagem, necessidades especiais ou necessitam de auxílio especializado, são acompanhados pela EEAA. Essa equipe oferece suporte para crianças, reservando um período semanalmente de 1h a 2h, para realizar atividades, brincadeiras e promover uma aprendizagem de forma lúdica, de acordo com as necessidades dos alunos.

Além desse acompanhamento com o aluno, há o suporte para o trabalho do professor, com a indicação de possíveis estratégias e métodos que facilitem o processo de ensino e aprendizagem. Para o diagnóstico e o laudo de dificuldade de aprendizagem, a EEAA trabalha junto com a família, escola e outros profissionais da área.

A pesquisa foi realizada com duas professoras: a de atividade complementar e a regente do 5º ano do Ensino Fundamental. Foram

escolhidos esses sujeitos porque ambas atuam na turma em que o aluno disléxico estuda. Dessa forma, essas profissionais atendem ao critério de escolha dos participantes, tendo em vista que trabalham no contexto da presente pesquisa. Para manter sigilo das informações coletadas e para preservar a identidade dos sujeitos pesquisados, daremos nomes fictícios. Portanto, as docentes serão nomeadas como PA e PR.

Os instrumentos utilizados para análise e coleta de dados foram a observação e a entrevista. De acordo com Gil¹⁴, a principal vantagem da utilização da observação é a forma como os fatos são vistos: diretamente e sem intervenção. A observação é uma forma de identificar como a prática docente está sendo realizada. Uma maneira de verificar os dados e fazer registros que serão utilizados na análise de dados. O uso deste justifica-se no sentido de comparar o que ocorre na prática, ou seja, o objetivo é confrontar o que a professora afirmou na entrevista com a forma que ela trabalhou nos dias observados.

A entrevista foi estruturada em 20 questões, tendo um tempo de gravação de aproximadamente 20 minutos. Após esse momento, os dados obtidos foram transcritos, para que fosse possível coletar as informações necessárias para análise de dados.

Segundo Gil¹⁴, as principais vantagens da entrevista são: obtenção de dados que representam diversos aspectos da vida social, aprofundamento do comportamento humano e os dados obtidos podem ser classificados e quantificados. Ainda segundo o autor, a entrevista proporciona uma interação social que possibilita para o entrevistado a oportunidade de expressar seus sentimentos, desejos, concepções, etc. Assim, a entrevista promove uma conversa com o entrevistado podendo, quando bem elaborada, permitir uma troca de informações.

Análise de dados

Ao analisarmos os dados coletados, durante as observações e as entrevistas, conhecemos as informações e trabalhamos com os excertos. No processo de conhecimento dos

dados, destacamos os dados mais relevantes, atribuindo um valor significativo com relação ao tema proposto na pesquisa. Para Gil¹⁴, essa etapa é nomeada de codificação de dados, sendo que os mesmos adquirem significado ao longo do processo de interpretação.

Os dados foram organizados em categorias. De acordo com o autor supracitado, a categorização ocorre quando os dados apresentam padrões semelhantes, possibilitando um agrupamento. Portanto, as categorias são definidas por informações que se repetem durante a análise dos dados.

Nessa perspectiva, a categorização facilita a compreensão de dados relevantes, permitindo a apresentação das informações colhidas durante a pesquisa de forma clara e objetiva. Baseada na análise e interpretação dos dados coletados, podemos assim definir as seguintes categorias que serão abordadas: a literatura infantil como recurso pedagógico e trabalho com obras literárias infantis com o aluno disléxico.

A literatura infantil como recurso pedagógico

Nessa categoria, trataremos da literatura infantil como um instrumento para o trabalho realizado pela docente na sala de aula. Ao ser perguntada sobre a influência da literatura infantil na vida da criança, PA respondeu: Os livros infantis, em todos os sentidos, ele influencia a criança. Primeiro na questão da própria leitura e escrita, depois na própria aquisição do conhecimento. Você lendo no livro, é você, o livro e aquele conhecimento que está sendo internalizado. Então, eu acho que a literatura favorece em vários aspectos, tanto no psicológico, quanto no social e sem contar no pedagógico.

Em contrapartida, PR limitou-se ao âmbito escolar e afirmou que “dá pra trabalhar bastante, dá pra aguçar a curiosidade, principalmente na alfabetização. Por meio da literatura, as crianças são alfabetizadas.”.

Sabemos sobre as influências da literatura infantil na vida da criança. Segundo Santos e Oliveira¹⁸, por meio da literatura o aspecto imaginário é suscitado na criança, ou seja,

durante a leitura a criança passa a utilizar sua imaginação para dar significado ao código linguístico. De acordo com os autores anteriormente citados, a literatura infantil proporciona o conhecimento de novos cenários, o gosto pela leitura, desenvolvimento da oralidade, enriquecimento de vocabulário, ampliação da criatividade, dentre outros. Dessa forma, a criança pode garantir benefícios para seu crescimento pessoal, cognitivo e social com a literatura infantil.

Segundo Zilberman⁴, a literatura infantil facilita a compreensão da criança quanto à realidade na qual está inserida. Portanto, a literatura pode influenciar na maneira como o indivíduo interpreta e se apropria dos valores e normas vigentes na sociedade.

Assim, podemos afirmar que PA foi mais abrangente, sendo que sua fala está de acordo com as ideias dos autores estudados. Logo, podemos deduzir que PA acredita que a literatura auxilia na formação e no desenvolvimento da criança em vários aspectos. Sua fala remete à utilização da literatura em diferentes espaços e momentos, não somente na escola.

Como PR apontou apenas um dos benefícios da literatura na vida criança e sua resposta se deteve ao contexto escolar, inferimos que a mesma entendeu que a pergunta se direcionava ao trabalho realizado pelo professor na sala de aula.

Quando questionada sobre a literatura infantil como recurso facilitador do trabalho do docente em sala de aula, PA afirmou: Através da leitura a gente pode ampliar a produção escrita porque ele (o aluno) vai ter outros caminhos para descrever uma situação. Ele pode associar as coisas, juntar e ampliar o conhecimento dele. E sem contar na questão da própria leitura, a questão gramatical, da pontuação, da acentuação, do campo de conhecimento. Pode ampliar o vocabulário.

PR ressaltou em sua resposta, a possibilidade que a literatura infantil oferece do trabalho com valores na sala de aula. Para ela, “se o professor ama ler, se ele ama literatura, ele passa essa paixão para os alunos.”.

Andrade³ destaca o papel da literatura no desenvolvimento das capacidades cognitivas, simbólicas e emocionais. Portanto, ao ler, o indivíduo desenvolve: funções cognitivas, voltadas para a aquisição da leitura, escrita, ampliação de conhecimento e construção de novos saberes; a simbologia, sendo capaz de inferir e identificar os símbolos representativos na sociedade, tais como, código linguístico, linguagem visual, dentre outros; a parte emocional, por permitir que a criança faça uma projeção do que está lendo com a realidade vivida.

Ainda segundo Andrade³, a subjetividade do leitor é o que promove o significado do texto lido. Para a autora, um mesmo texto pode apresentar diferentes significados. Dessa maneira, podemos afirmar que PA corrobora as ideias de Andrade⁴.

De acordo com Abramovich¹⁹, por meio da literatura, pode ser apresentado para a criança temas referente à sociedade. Os valores e normas podem ser encontrados em histórias infantis. Andrade³ ressalta o papel do docente no incentivo à leitura. Segundo a autora, o professor deve ser responsável por tornar o ato de ler algo prazeroso para os alunos. Sendo assim, o professor deve criar meios para que os alunos tenham acesso literatura infantil e promover atividades que envolvam a turma na leitura de obras. É fundamental que esse trabalho ofereça momentos dinâmicos e influencie no hábito de leitura das crianças, dentro e fora do ambiente escolar.

Na fala de PR, percebemos a concordância com as ideias de Abramovich²⁰ e Andrade³. Na sua resposta, parece que esta reconhece a importância do professor leitor para o incentivo à leitura. A docente também parece entender que as obras literárias infantis podem ser instrumentos para o ensino de valores de uma forma mais dinâmica e contextualizada.

Apesar de PA e PR reconhecerem a literatura infantil como um recurso pedagógico em sala de aula e apontarem benefícios proporcionados pela leitura, percebemos que quase não há a utilização de obras literárias infantis nas aulas. Durante as observações, não

identificamos nenhum momento em que as professoras utilizaram uma obra literária para abordar algum assunto ou ensinar um conteúdo. Parece ter indícios de uma prática docente que não engloba a teoria que as docentes conhecem. Assim, observamos que talvez ocorra uma atuação que não aborde teoria e prática com um processo que una esses dois elementos.

Quando questionadas sobre a quantidade de vezes que utilizavam as obras infantis durante suas aulas, PA respondeu: No mínimo uma vez por semana, mas ao mesmo tempo, durante as aulas de produção de texto ou sala de leitura, eu encaixo sempre um texto e livro para trabalhar. Como eu tenho um projeto de leitura, a gente trabalha paralelo. Nós temos uma mini biblioteca aqui na sala, então a gente faz o rodízio dos livros e aí cada um leva um livro pro final de semana, lê o livro e preenche a ficha literária.

PR se justificou: “aqui, como é uma escola integral, a parte de literatura, as disciplinas são divididas, então literatura fica com a professora da manhã e as minhas disciplinas são outras”. Lois²⁰ destaca a importância do ambiente de sala de aula ser acolhedor e prazeroso, que instigue o gosto pela leitura. De acordo com a autora, se o professor realizar uma minibiblioteca na sala de aula, o incentivo à leitura deve acontecer de forma natural e não com uma atividade obrigatória. Portanto, ao professor, cabe apresentar aos alunos leituras agradáveis, buscar o interesse da turma pela obra literária, de forma que as crianças procurem conhecer as histórias por curiosidade e por vontade própria.

Contudo, ao observarmos as aulas de PA, identificamos que o trabalho com textos literários ocorreu poucas vezes. Apesar de verificarmos que os alunos levam os livros para casa e preenchem a ficha literária, podemos inferir que não é realizada uma mediação nessa atividade. A professora recolheu as fichas, mas não houve um momento de discussão. Logo, podemos deduzir que o projeto se tornou um dever de casa, uma atividade que os alunos precisam realizar.

Diante disso, observamos que, embora PA tenha afirmado que sempre trabalha com textos literários, não houve esse trabalho. Podemos

inferir que a professora não usa a literatura infantil de forma regular, como um recurso pedagógico. Portanto, parece que a docente preza outros instrumentos no seu cotidiano escolar.

Ao analisarmos a posição de PR e sua fala, parece ter indícios de um desvio de função. Ao afirmar que suas disciplinas são outras, talvez ela quisesse se justificar, ressaltando que não trabalha com textos literários ou com obras literárias infantis porque não é sua responsabilidade. Podemos afirmar, na perspectiva dos autores referenciados nessa pesquisa, que o professor pode trabalhar com a literatura infantil de diferentes formas e pode utilizar-se de textos literários para promover uma aprendizagem significativa. Desse modo, a literatura não deve limitar-se a uma disciplina ou um conteúdo específico, mas pode ser um recurso para o trabalho docente.

Sobre a existência de outros projetos literários, PA afirmou Além do projeto que eu faço em sala de aula, tem outro projeto para a escola toda. Uma vez por semana eles também vão à biblioteca, lá na sala de leitura é desenvolvido uma atividade de leitura de um livro para toda a escola. Então durante a semana, toda a escola passa pela sala de leitura e há um determinado assunto.

PR respondeu “é a professora da manhã que trabalha”. E sobre a quantidade de vezes que ocorre a visita à biblioteca, tanto PA quanto PR responderam “uma vez por semana”. Porém PR destacou que essa visita é realizada na sexta-feira pela manhã com a professora PA.

Conforme Lois²⁰, a biblioteca deve ser um espaço no qual sejam realizadas atividades permanentes, objetivando a preservação do espaço e dos livros. Os alunos devem respeitar a biblioteca e compreender a função desse ambiente na escola. Pode ser um local de troca de livros, estudo, pesquisa, busca por informações em fontes diversificadas, contação de histórias, dentre outros.

Ainda segundo Lois²⁰, o professor deve manter a postura na biblioteca e planejar bem o dia em que a turma visitará esse ambiente. Na visão da autora, o professor deve demonstrar que as atividades que os alunos realizam na

biblioteca não são sem objetivos específicos. O docente deve organizar as visitas para que ocorram momentos de lazer e aprendizado, as crianças poderão conhecer novos livros, adquirir novos conhecimentos e encontrar na leitura uma fonte de crescimento cognitivo e pessoal.

Corroborando as falas de PA e PR, observamos que a turma vai uma vez por semana à biblioteca para ouvir uma história e realizar a troca de livros. Entretanto, essa visita ocorre só com PA, porém a docente não acompanha a turma durante esse momento. Os alunos ficam esse período com a pedagoga encarregada do espaço.

Como essa visita não é acompanhada e PA não retoma a atividade que foi desenvolvida na biblioteca na sala de aula, deduzimos que esse momento não é planejado e não são delimitados para os alunos os objetivos dessa visita. Entendemos que essa atividade não faz parte do planejamento da professora, parece ser responsabilidade da pedagoga desse espaço planejar as atividades que serão ali desenvolvidas. Percebemos que, assim como tem aulas tem educação física, informática ou na horta, tem aula na sala de leitura. Inferimos que para PA, essas visitas tenham se tornado uma aula complementar, oferecida por outro profissional da mesma área.

Apesar do projeto na biblioteca envolver toda escola e promover um momento de contato com a literatura infantil, não verificamos a participação de PA e PR nessa atividade. Não houve um diálogo na sala de aula sobre o que foi abordado na biblioteca. Notamos que as professoras não se posicionaram como mediadoras na construção de novos conhecimentos ou no incentivo à leitura.

Quando tratamos sobre os critérios que são utilizados na escolha dos textos trabalhados em sala de aula, PA apontou “pelo assunto, pelo conteúdo, o conteúdo mesmo que a gente está trabalhando”. Já para PR essa escolha se dá “[...] de acordo com a necessidade da turma, de acordo com o que a turma está precisando”.

Segundo Santos e Oliveira⁶, o primeiro passo para o docente escolher os textos que serão abordados em suas aulas é saber escolher. Os

autores afirmam que, o professor deve ter um cuidado especial na escolha desses textos, adequando-os para o cotidiano dos alunos e a faixa etária da turma. A escolha dos textos em sala de aula deve estar de acordo com o currículo, com as necessidades do contexto no qual as crianças estão inseridas e com alguns critérios que fundamentem os objetivos propostos no planejamento pedagógico.

Dessa forma, considerando as ideias dos autores supracitados, os textos não devem ser selecionados com critérios limitados, como por exemplo, o assunto que está no livro didático. Esses textos devem despertar o interesse, a curiosidade, a imaginação, envolver a turma. Os alunos devem relacionar o que está sendo lido no texto com a realidade vivida.

Observamos que, o texto utilizado na aula de PA foi escolhido porque atendia ao conteúdo que estava sendo trabalhado. Não notamos critérios de escolha que concordasse com as ideias dos autores supracitados. Parece que a professora optou por esse texto, apenas porque abordava o que ela estava ensinando. Logo, podemos deduzir que não há outros critérios a ser determinados nessa escolha.

Embora PR tenha apontado as necessidades da turma como um critério, observamos que esta utilizou apenas o livro didático e os textos nele encontrados como recurso pedagógico. Quanto à sua fala, parece ter indícios de que ela reconhece a necessidade de uma prática pedagógica que atenda às necessidades dos alunos. Entretanto, a docente não trabalhou com textos literários e se limitou a um instrumento didático.

Trabalho com obras literárias infantis com o aluno disléxico

Nessa categoria, analisaremos as concepções e falas das professoras sobre como as obras literárias infantis são trabalhadas com o aluno com dislexia. Como já abordamos no capítulo dois dessa pesquisa, o aluno disléxico encontra dificuldade no processo de aquisição do código linguístico. Segundo Davis¹³, a dislexia ocasiona uma leitura lenta e global, sendo que o

indivíduo não consegue perceber as letras de uma palavra e sim a palavra como um todo. Desse modo, o processo de leitura torna-se um hábito de adivinhar o que está escrito, sem analisar todas as letras que compõem a palavra.

Ainda segundo Davis¹³, por se tratar de uma tarefa que demanda muito esforço, os disléxicos tendem a não gostar de ler, a leitura torna-se desagradável e difícil. O autor também ressalta que, o aluno com dislexia tem dificuldade em se concentrar, perdendo o foco diversas vezes.

Sobre a forma que as docentes trabalham os textos literários com o aluno disléxico, PA afirmou que utiliza atividades diferenciadas para que o aluno tenha a capacidade de perceber seus próprios erros. PR não soube responder, ela afirmou que não vivenciou na prática essa situação.

Quando questionada se ocorria um trabalho diferenciado durante os momentos de leitura com o aluno com dislexia, PA limitou-se a dizer que era um trabalho individual. Já PR respondeu que, com alunos que apresentam outras dificuldades como TDA (transtorno de déficit de atenção) ou DPAC (disfunção no processamento auditivo), ocorre uma fragmentação textual, parágrafo por parágrafo. Embora PA tenha afirmado que trabalha com atividades diferenciadas, não observamos trabalhos e sim práticas educativas diferenciadas. No momento em que a turma realizou a prova, PA leu os textos para o aluno e durante as aulas observadas percebemos que, a mesma, sempre tentava tirar um tempo para atender o aluno de forma individualizada.

Assim, deduzimos que PA tenta fazer com que esse aluno acompanhe a turma. A docente parece, por meio de sua atuação com o aluno disléxico, se preocupar com a possibilidade deste não estar entendendo o conteúdo. Porém, não verificamos a aplicação de exercícios diferenciados ou uma mediação enquanto o aluno estava junto com a turma. Parece ter indícios de um tratamento individualizado sempre que possível.

Apesar de PR não ter respondido a pergunta e não ter conhecimento do diagnóstico

clínico do aluno disléxico, percebemos que sua atuação com o aluno também foi diferenciada.

Sobre o auxílio durante a leitura oral do aluno disléxico, PA pontuou, “a gente até tenta fazer algumas intervenções, mas só que existem casos. Então a gente faz a correção, mas às vezes ele, devido à dicção, não consegue. Então aí ele é encaminhado com o profissional da área, no caso o fonoaudiólogo para trabalhar isso.”.

Em contrapartida, PR deu sua opinião de como seria esse trabalho, “eu acredito que seria a leitura pausada. Algo que atenda a necessidade do aluno”. Oliveira¹⁸ destaca que o papel do professor é no campo pedagógico e que este deve ter um diálogo com outros profissionais. Segundo a autora, o professor é responsável por minimizar e tentar corrigir essas dificuldades. Logo, podemos afirmar que PA está de acordo com as ideias da autora.

PR não explicou de forma objetiva sua resposta e limitou sua fala com a concepção de como seria essa intervenção. Logo, podemos inferir que PR não tem muito conhecimento de como seria esse trabalho e de qual seria a melhor forma de auxílio para essa criança. Quanto ao posicionamento de PA, parece que esta identifica a importância do trabalho pedagógico associado a outros profissionais que venham a dar suporte para a criança disléxica. A docente entende que seu papel remete à correção na fala, mas destaca que há crianças que precisam de acompanhamento de outros profissionais.

Quando questionada a respeito das intervenções para facilitar a interpretação e compreensão textual do aluno disléxico, PA respondeu: “aí a gente vai passo a passo, parágrafo por parágrafo. Ai depois pergunta (o que você não entendeu?). Ai você vai explicando, isso aí é um trabalho de formiguinha, passo a passo (sic)”. Já PR não quis responder. Davis¹³ aborda esse trabalho fragmentado com o aluno com dislexia, o aluno deve primeiro ser treinado para ler de forma calma e pausada, para que seja possível o reconhecimento das palavras e frases na íntegra. Nas dicas propostas pelo autor, há atividades nas quais os alunos vão reconhecendo letras, palavras e depois frases.

Embora PA tenha afirmado que realiza um trabalho fragmentado, observamos que a docente lê os textos para o aluno, sem intervir ou sugerir uma leitura pausada. Percebemos que não há suporte adequado da professora durante os momentos de leitura. Mas nas ocasiões que ela deveria oferecer esse auxílio, havia outros alunos que também necessitavam de ajuda.

Sobre as concepções da professora da utilização de obras literárias infantis para o desenvolvimento das habilidades do aluno com dislexia, PA e PR acreditam que o texto literário pode auxiliar esse aluno. PA acrescentou que “[...] através da leitura, do texto, ele vai percebendo aonde ele tá errando, o que que é que está faltando (sic)”. E PR afirmou que “[...] precisa ser um texto menor. O princípio mesmo é aguçar a curiosidade, algo que desperte a curiosidade deles”.

José e Coelho²¹ ressaltam que a leitura do aluno disléxico ocorre de modo mais lento do que o esperado para a idade e o professor deve procurar ler histórias apropriadas para o nível de compreensão desses alunos. Portanto, mesmo que o aluno encontre dificuldade ao ler, essa habilidade não pode ser negligenciada.

Por meio das obras literárias, os alunos disléxicos encontrarão todos os benefícios que os outros alunos encontram, mas em um ritmo diferenciado.

Nessa perspectiva, Lois²⁰ acredita que a relação com a leitura é uma relação com a palavra, conseqüentemente é o conhecimento do mundo. Ao ler, a criança passa a interagir com o mundo e entendê-lo melhor. Na visão da autora, a leitura permite aprendizagem e prazer, uma forma de conhecer novos conceitos de maneira natural.

Diante disso, podemos afirmar que as falas das professoras apontaram alguns dos diversos benefícios que a obra literária infantil pode proporcionar para a criança disléxica. Apesar de sua dificuldade, os benefícios continuam presentes quando esses alunos passam a ler e compreender os textos literários. Quando perguntamos como as professoras incentivavam a leitura desse aluno, PA disse que “mesmo ele não gostando é necessário. Então, a gente vai

passando atividades pra ver se ele está fazendo essa leitura”. E PR respondeu abrangendo toda a turma e não só o aluno com dislexia:

Primeiro aguçando o olhar deles em relação aos títulos, a imagem e a gente precisa saber do que se trata. E falar pra eles do que se trata, a gente começa a contar a história, criando um suspense ou iniciando o conto, conta pra eles como a história começa criando o suspense pra que eles queiram saber como é o fim.

De acordo com Lois²⁰, o gosto pela leitura não pode ser algo forçado no aluno. Esse hábito deve acontecer de forma que as crianças sintam prazer ao ler e não seja uma obrigação.

Corroborando a fala de PA, notamos que ela propôs a atividade de leitura como uma tarefa obrigatória, com o projeto da ficha literária. Embora PR tenha afirmado que incentiva a leitura por meio da curiosidade, percebemos que não houve essa atitude nas aulas observadas.

Para finalizarmos, perguntamos se as docentes trabalhavam as dificuldades do aluno, com a própria leitura de obras infantis. PA respondeu que “não, a gente traz outras coisas. Jogos, atividades mais lúdicas e diferenciadas pra ele perceber aqueles erros.”. E PR não soube responder. De acordo com Farrell²², as estratégias que serão utilizadas para auxiliar os alunos com dislexia, deverão ser pensadas de acordo com as particularidades da criança. Atividades que, envolvam os sentidos, trabalhem a coordenação motora, possibilitem imagens para fazer relação entre conceito e significado, são exemplos de intervenções que podem ser utilizadas.

Apesar da afirmação de PA, verificamos que não houve atividades diferenciadas, ocorreu um tratamento individualizado e uma explicação mais detalhada. E embora PR não tenha respondido, percebemos que a docente não trabalhou obras literárias infantis durante suas aulas e se limitou ao uso do livro didático.

Considerações finais

Com o objetivo de verificarmos como a professora trabalha a literatura infantil com o aluno disléxico, atuando como facilitadora da

aprendizagem, abordamos as possibilidades que a literatura pode promover no contexto escolar.

Estudamos seus benefícios, a ponto de podermos inferir que, o trabalho com a literatura permite ao aluno, compreender a realidade de forma natural e prazerosa. O ato de ler e a oferta de uma leitura fantasiosa, torna a aprendizagem dinâmica e lúdica.

De acordo com os dados analisados, o trabalho com a literatura infantil é realizado de forma fragmentada e as intervenções com o aluno com dislexia são precárias. Os dados nos permitem dizer que, apesar das professoras reconhecerem na literatura um instrumento facilitador e a necessidade de intervenções diferenciadas quando há uma criança disléxica, não há práticas pedagógicas que possibilitem esse trabalho unindo o lúdico e fantasioso (oferecido pela literatura infantil) com o desenvolvimento de habilidades (adquiridas pela construção de novos conhecimentos).

Quanto à percepção das docentes sobre as principais contribuições decorridas da utilização das obras literárias infantis para o aluno disléxico, foi necessário entendermos os déficits ocasionados pela dislexia e a prática pedagógica em âmbito mediador.

Foi possível constatar ainda, a partir das ideias dos autores referenciados, que o disléxico ao receber tratamento adequado, consegue superar obstáculos e ter sucesso na aquisição da leitura e da escrita. E como mediador, o professor é responsável por adequar sua prática pedagógica, com o objetivo de atender às necessidades dos alunos.

Diante disso e com a interpretação dos dados coletados, verificamos que as docentes reconhecem os benefícios da literatura infantil no contexto escolar, mas não a utilizam como recurso pedagógico para o trabalho com o aluno disléxico.

Embora trabalhem em uma turma que tenha um aluno com dislexia, as professoras não reconhecem essa dificuldade e apontam outras circunstâncias para as disfunções que o aluno tem na leitura e na escrita. Os autores referidos nos capítulos teóricos deste estudo, que tratam sobre as intervenções com os alunos disléxicos,

propõem diferentes recursos e atividades que atendam às necessidades dos alunos. Podemos afirmar que, o aluno disléxico necessita de uma mediação diferenciada como qualquer outro aluno que apresenta uma dificuldade de aprendizagem. Porém, isso não significa que esse trabalho precise ser feitos com atividades que excluam a leitura de obras literárias.

Durante a pesquisa, constatamos que é possível o uso das obras literárias infantis com crianças disléxicas, embora não aconteça na prática docente. Podemos inferir que, as professoras não têm o costume de utilizar a literatura infantil como um recurso pedagógico e, conseqüentemente, não acreditam que o mesmo pode facilitar a aprendizagem da criança com dislexia. Portanto, a pesquisa foi importante para ressaltar o papel da literatura infantil na vida da criança e seus benefícios no contexto escolar, assim como propõe um olhar diferenciado para a dislexia e suas conseqüências. Destacamos também que o professor deve sempre procurar meios que permitam a aprendizagem de forma significativa e estimular os alunos a acreditarem em seu potencial e capacidade.

Para estudos futuros, sugerimos a continuação e aprofundamento dessa pesquisa, de forma que ocorra a investigação do trabalho pedagógico com as obras literárias infantis, com o intuito de facilitar a aprendizagem da criança disléxica no sentido de aprofundar em como ocorre esse trabalho; de que forma os alunos disléxicos podem melhorar suas habilidades quando começarem a ler os livros; como incentivá-los a ler por prazer, como o docente pode trabalhar com as dificuldades originadas da dislexia com a própria leitura.

Referências

1. Fonseca, vitor da. Introdução às dificuldades de aprendizagem. Porto alegre: artes médicas, 1995.
2. Brasil. Secretaria de educação fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: mec/sef, 1997.
3. Andrade, gênese, (org.). Literatura infantil. São paulo: pearson education do brasil, 2014.
4. Zilberman, regina. A literatura infantil na escola. São paulo: global, 2003.
5. Santos, fabiano cardoso dos; moraes, fabiano. Alfabetizar letrando com a literatura infantil. São paulo: cortez, 2013.
6. Santos, polyana fernandes pereira dos; oliveira, marco aurélio gomes de. A literatura infantil na educação infantil. Revista científica do itpac, araguaína, v.5, n.2 pub.5, abril 2012.
7. Naspolini, ana tereza. Tijolo por tijolo: prática de ensino de língua portuguesa. São paulo: ftd, 2010.
8. Nogueira, makeliny oliveira gomes; leal, daniela. Dificuldade de aprendizagem: um olhar psicopedagógico. Curitiba: intersaberes, 2012.
9. Barros, célia silva guimarães. Pontos da psicologia escolar. São paulo: afiliada, 2007.
10. Smith, corinne; strick, lisa. Dificuldades de aprendizagem de a a z: um guia completo para pais e educadores. Porto alegre: artmed, 2007.
11. García, jesus nicasio. Manual de dificuldades de aprendizagem: linguagem, leitura, escrita e matemática. Porto alegre: artmed, 1998.
12. Boruchovitch, evely. Dificuldades de aprendizagem, problemas motivacionais e estratégias de aprendizagem. In: dificuldades de aprendizagem no contexto psicopedagógico. Petrópolis, rj: vozes, 2007. P. 40-59.
13. Davis, ronald d.. O dom da dislexia: por que algumas das pessoas mais brilhantes não conseguem ler e como podem aprender. Tradução: ana lima e gracia badaró massad. Rio de janeiro: rocco, 2004.
14. Gil, antonio carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. São paulo: atlas, 2010.
15. Minayo, maria cecília de souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. Ciência & saúde coletiva 17(3): 621-626, 2012.
16. Lakatos, eva maria; marconi, marina de andrade. Fundamentos de metodologia científica. São paulo: atlas, 2003.
17. Severino, antônio joaquim. Metodologia do trabalho científico. São paulo: cortez, 2013.

18. Oliveira, gislene de campos. Dislexia. In: psicomotricidade: educação e reeducação num enfoque psicopedagógico. Petrópolis, rj: vozes, 2015. P. 124-132.
19. Abramovich, fanny. Literatura infantil: gostosuras e bobices. São paulo: scipione, 1997.
20. Lois, lena. Teoria e prática da formação do leitor: leitura e literatura na sala de aula. Porto alegre: artmed, 2010.
21. José, elisabete da assunção; coelho, maria teresa. Problemas de aprendizagem. São paulo: ática, 2009.
22. Farrell, michael. Dislexia e outras dificuldades de aprendizagem específicas: guia do professor. Tradução: maria adriana veríssimo veronese. Porto alegre: artmed, 2008.